



TURISMO E CULTURA

DESTINOS E COMPETITIVIDADE

FERNANDA CRAVIDÃO
NORBERTO SANTOS
COORDENAÇÃO

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

CARLOS FORTUNA

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra
cjfortuna@gmail.com

CARINA SOUSA GOMES

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra
carina@ces.uc.pt

TURISMO, CIDADE E UNIVERSIDADE: O CASO DE COIMBRA

1. Introdução

Este texto centra-se na forma como as cidades convertem e usam os seus patrimónios, transformando-os em instrumentos ativos de estratégias turísticas. Este processo relaciona-se com os fatores de natureza histórica e monumental, mas também com as referências mnemónicas e intangíveis e com o modo como, juntos, têm contribuído para tornar as cidades atrativas do ponto de vista turístico. A evolução da cidade como lugar turístico decorre da já longa crise do setor industrial manufactureiro e da necessidade de encontrar alternativas económicas locais capazes de contrariar os níveis crescentes de desemprego daí resultantes. A busca de soluções económicas locais tem alimentado, entre outras, a aposta estratégica no setor do turismo, em particular no turismo urbano, enquanto atividade alternativa pós-industrial, capaz de contrariar as tendências recessivas da economia e do emprego nas cidades.

Com a globalização, o mínimo que podemos dizer é que o turismo, mormente o turismo cultural e patrimonial, funciona como poderoso agente de contato e intermediação entre o global e o local (Boniface e Fowler, 1993; Chang, Milne, Fallon e Pohlmann, 1996). Da interseção de efeitos

económicos globais e locais resulta, como regra, uma inegável hegemonia dos fatores globais e dos seus agentes sobre os fatores e recursos locais. Todavia, são numerosas as circunstâncias em que este jogo de influências se inverte e são as capacidades e recursos endógenos dos lugares (os residentes, as empresas, as maneiras locais de fazer e de estar) que sobrepujam os ambientes turísticos mais globalizados e sobre eles afirmam a sua diferença específica enquanto guiões para a ação. Sendo incerto o desfecho desta tensão política entre fatores, ela constitui, por isso mesmo, uma valiosa e sempre diversa agenda de investigação, com aproximações que variam de acordo com os tempos e os lugares.

O presente texto tem o seu foco empírico na cidade de Coimbra, centrando-se na re-atualização dos significados da sua universidade, fundada no século XIII, como uma força impulsionadora do turismo e da economia locais. Pretende-se explorar a atual tentativa de recriação do imaginário turístico da cidade, baseada na sua história intelectual, intimamente relacionada com o relevo patrimonial e simbólico da centenária instituição universitária.

Neste feixe de considerações, vale a pena assinalar o papel central desempenhado pelos patrimónios edificados das cidades, em que pontuam as igrejas, os palácios e mesmo ruínas, tanto as ruínas milenares, quanto as que ilustram um modo de fazer interrompido mais ou menos abruptamente (fábricas ou minas abandonadas, armazéns devolutos, espaços residenciais obsoletos). As alterações concetuais e legislativas que o conceito de património e a sua proteção sofreram ao longo das últimas três ou quatro décadas, permitem hoje englobar estas marcas do passado no inventário dos bens e produtos culturais que definem a oferta turística de muitas cidades. Eventualmente, nesse ato de re-significação concetual do património e da patrimonialização, alarga-se o fosso, repetidamente denunciado, entre história e património (Lowenthal, 1997). Como um todo, o património, entendido como conjunto de marcadores da memória social a cuja criação/preservação se entregam grupos sociais diversos, nem sempre traduz a realidade da história local. O seu significado é objeto de acordos e de consensos negociados que, no ato de seleção e exclusão dos respetivos exemplares, implicam as moda-